AVEIRO, 7 DE ABRIL DE 1978 — ANO XXIV — N.º 1194

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

Da "Escrava Isaura" a UM AVEIRENSE PROPULSOR DO PROGRESSO

EDUARDO CERQUEIRA

A novela televisiva «A Escrava Isaura», como as precedentes congéneres suas compatriotas, vem alcançando na lusa rendição às seduções filiais do primogénito em ascencional currículo, uma fluente penetração endosmótica nessa película de indiferentismo estássemarimbandista que só não fecha o portuguesinho às epidérmicas frivolidades.

A infiltração e o alastramento tornou-se mesmo, como a nódoa de óleo, inelutável ao calejado moderador das mais altas abcissas etárias.

Vem obtendo, evidentemente, uma pujante e despertadora imbuição das potencialidades artísticas brasileiras de feição cénica na nossa ronceira, circunscrita, apenas doméstica, se não aposentada capacidade criativa.

E com traços porventura de nós herdados, de gerações que nos antecederam, mas de que mais vivo se volveu em guia e bandeirante, abala e de revés mesmo influencia a nossa glótica e a nossa prosódia, das raízes aos raros rebentos desabrolhantes, já que de características tão lentamente evolutivas.

Para saborear, com todas as papilas do gosto e da sensibilidade de cada um de nós e de nós todos, a romântica novela — que daria, aliás, uma tese insinuada na mais louvável intenção — desenrolam-na em medidos episódios de curtas dimensões. Reduzem-na a doses diárias, que nem a tornem indigesta ou de causar enjoo por demasia, nem crie qualquer sorte de fastio ou problema de consumo ao telespectador atulhado a transbordar, nas suas limitadas capacidades de harmonizar o tempo e a paciência com as predilecções de momento, absorventes, ainda que as da mais estreme pieguice basbaque.

E estendendo a massa (aí, sim, repetitivo até à saciedade) o romancinho rosadoadresco, não se circunscreve à narrativa cor de rosa e a exalçar na escrava-heroína o símbolo dos mais subidos predicados e prendas femininas, virtudes morais super-

Continua na página 3

NÃO SE ADULE A PLEBE!

CRUZ MALPIQUE

Adular a plebe é deitar corda ao pescoço do espírito. A plebe precisa de ser aristocratizada, e não é adulando-a, mas cultivando-a, que se consegue desminimizá-la.

Adular a plebe é adular a força bruta. E do que o mundo está precisado não é do primado do músculo, mas do primado do espírito.

A civilização só é digna do nome quando equacionar com força do espírito e nunca, dos nuncas!, com força do músculo.

Um tema demagógico: O POVO

FREDERICO DE MOURA

SUCEDE, às vezes, (e eu diria melhor se dissesse que sucede muitas vezes), que quem mais ensaliva o nome do povo com o cuspo demagógico da retórica é, no fundo, quem menos o respeita, quem menos o entende e quem mais se marimba para as suas tradições, para os seus usos e costumes e para o suor que destila honradamente.

Com uma superficialidade de «almanaque» ou de «selecções», mais ou menos comprimidas, surgem como cogumelos uns pregadores impertigados que lhe conspurcam a fadiga austera apodando, displicentemente, de rotina o que é sabença popular, ao mesmo tempo que querem metê-lo, à força, dentro de andainas esquemáticas importadas de latitudes geográficas e ideológicas onde ele não cabe, decretando, como mezinhas infalíveis, tábuas de mandamentos que debitam com exuberância sem lhe terem mastigado o miolo doutrinário.

Incapazes de distinguir um pé de milho de uma cana e insensíveis perante o esforço que custa uma terra de pão; tapando o nariz com nojo do estrume que serve de mantença ao chão, e não aventurando um passo numa terra lavrada com medo de atascarem os sapatos polidos, roncam com voz baritonada de cima dos tablados dos comícios, ou dejectam o seu

Continua na página 3

FEIRA DE MARÇO

A multissecular «Feira de Março» (há muito ultrapassou meio milénio de existência) terá seu novo terreiro, provavelmente já no próximo ano, em local diverso do Rossio — mais precisamente em terrenos anexos às instalações industriais da reputada empresa de Paula Dias & Filhos, ou seja, no vasto espaço compreendido entre a chamada «Ponte de Pau» e as velhas instalações das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos. Pensa — e bem — a Edilidade aveirense que se impõe revitalizar a tradicional organização (de vendas, diversões e utilíssimas mostras), transferindo-a para local com amplitude bastante para uma plena adequação às suas múltiplas finalidades, circundando-o de aliciante área verde, dotando-o de parques de estacionamento e conferindo-lhe acessos próprios. Ora, na edição do *Litoral* de 30 de Dezembro último, o nosso apreciado colaborador J. Evangelista de Campos, numa das suas curiosíssimas «achegas» historiográficas, escreveu, precisamente, sobre a Feira de Março, evocando-lhe as características de há seis décadas e prometendo continuar com o tema — e é o que segue, agora com a oportunidade que lhe confere a preconizada mudança de local do certame que, presentemente, e até 25 deste mês, decorre no velho Rossio.

Achegas para a

HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XVII

Continuemos, pois, com a Feira de Março e falemos, também, das procissões que traziam a Aveiro, em grande quantidade, as gentes não só das aldeias do litoral, como, também, as dos arredores da cidade e, até, as das vilas mais próximas da sede do distrito.

A propósito das imagens de Cristo, devo dizer-lhes que o Santos, de Ilhavo, não tinha o exclusivo deste negócio, mas que era, sim, o mais conceituado e o que as apresentava com maior perfeição artística, havendo quem as vendesse, também, em barracas da Feira e em lugares no chão. E estou a lembrar-me de que, certo ano, um ambulante pediu ao falecido Manes Nogueira, Pai, para montar à sua porta um lugar destinado à venda dessas imagens; autorizado que foi para tal, estendeu um cobertor no chão, colocou-lhe um lençol por cima e fez a sua exposição.

A certa altura, começou a cair uma borrasca *leve, pelo que o homenzinho, entendendo que não valia a pena recolher a mercadoria, cobriu-a com outro lençol e encostou-se à parede da casa do «ti» Manes. Quando a borrasca passou, saiu do*

Continua na página 3

Problemas Sociais

PRIMEIRA FORMA DA DOUTRINAÇÃO

ZÉ-DE-VIANA

A acção doutrinal é e continua a ser a primeira necessidade da hora presente. Dela depende a temperatura dum movimento nacional e, como ela, a energia da sua afirmação.

Queremos, hoje como ontem, fazer uma revolução que restitua integralmente ao País a sua consciência de grande Nação.

É esta a condição principal da obra a realizar.

Numa primeira fase tentou-se definir os princípios e criar um corpo de doutrina e uma mística de sacrifício e de heroísmo.

São esses os elementos nucleares da ofensiva que tem de progredir e ampliar-se.

Ai de nós se abandonássemos esta linha de combate, esmorecessemos na proclamação das verdades nacionais ou perdessemos o entusiasmo sagrado que é o clima das vitórias.

Para que isso não aconteça, para que não conheçamos o desfalecimento, é necessário, antes de mais nada, persistir e dilatar a acção doutrinária.

É preciso que as gerações novas se formem na ambiência nacional, no culto da Pátria e na corajosa aceitação dos sacrifícios que ela exige.

Há que consolidar o terreno, reavivando o caloroso impulso dos primeiros tem-

Continua na página 3

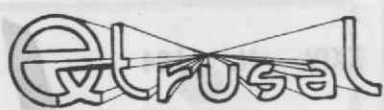
BOMBEIROS

'VELHOS' A quase secular, e tão prestante, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro lançou-se no empenho de adquirir uma auto-escada (gravura), que pode alcançar 30 metros e tem possibilidade de rápida deslocação e eficiente maleabilidade nos locais de serviço. O seu custo ronda os 2 800 contos! — mas, certamente, os Aveirenses irão ser generosos (como, aliás, é seu timbre), contribuindo para minimizar o vultoso encargo que tão útil (diríamos: indispensável) aquisição acarreta.

'NOVOS' A prestimosa Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» elegeu, em 21 de Março findo, os Corpos Gerentes para o ano em curso. Foram reconduzidas — e por unanimidade — as gerências anteriores, assim constituídas: *Assembleia Geral* — Dr. David Cristo, Presidente; Fausto José Rigueira Passos Castilho e João Augusto Horta Azevedo, Secretários (sendo substitutos, respectivamente, José Vieira de Oliveira Barbosa, Joaquim Lemos da Silva Félix e João Evangelista da Cruz Campos). *Conselho Fiscal* — Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, Presidente; José Lino Gamelas Costa e Amadeu Teixeira de Sousa, Vogais (sendo substitutos, respectivamente, João Gonçalves Figueiredo, Américo Carvalho da Silva e Florentino Nunes da Maia). *Direcção* — Artur José Lopes Lobo, Presidente; Joaquim Pereira Júnior, Tesoureiro; José César dos Reis Rodrigues e João Laurentino dos Reis Rodrigues, Secretários; António Abílio Dantas Gomes, Vogal (sendo substitutos, respectivamente, Orlando Moreira Trindade, Mário Duarte Valente Baltazar, Rufino Maia, Manuel António de Carvalho e João Moreira).

Litoral

Em 20 de Janeiro último, anunciámos que o Litoral **suspenderia temporariamente a sua publicação — o que faria pela primeira vez no decurso da sua já longa existência; e referimos, na altura, as imperativas razões que nos forçavam a um hiato, aliás frequente (pelos mesmos ou diversos motivos) em periódicos como o nosso. Admitimos, então, que poderiam surgir inesperadas dificuldades a retardarem o previsível reinício das nossas edições — e dificuldades se nos depararam, obrigando-nos a um indesejado (mas insuperável) protelamento. Mas o** Litoral **reapareceu — e é o que essencialmente importa.**

Não queremos deixar de referir aqui o mais sentido reconhecimento pelos incentivos que a Imprensa e os nossos colaboradores e leitores tão amavelmente nos dispensaram na emergência — sendo particularmente de sublinhar que, muitos dos que têm honrado as nossas colunas com os seus escritos, continuaram a enviá-los à Redacção, para que oportunamente fossem dados à estampa; e, assim, temos já uma considerável reserva de artigos, que, gradualmente, e sem perda da respectiva oportunidade, aqui serão publicados.

- Companhia Portuguesa de Extrusão

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Relatório e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal relativos à Gerência de 1977

RELATÓRIO

Senhores Accionistas,

Para cumprimento do prescrito na Lei e nos Estatutos da nossa Sociedade, submetemos à Vossa apreciação e decisão o presente relatório e as contas de gerência de 1977.

Foi este exercício marcado pelo esgotamento da nossa capacidade produtiva, com o arranque do terceiro período de trabalho diário. A previsão desta situação levou este Conselho a decidir adquirir uma segunda linha de produção — que confirmou em 10 de Maio — e construir uma terceira nave destinada a armazenagem e expedição. Obviamente tivemos de destinar a segunda nave à montagem da segunda linha de produção.

Esta decisão que responde às solicitações do mercado, tem ainda o objectivo de âmbito nacional de impedir a saída de divisas no pagamento de perfis importados, pois pensa-se que a capacidade instalada ficará a ser suficiente para as necessidades do mercado nacional. Por outro lado, o correspondente aumento de matéria prima necessária atinge números que permitirão justificar o arranque da produção de alumínio em Portugal, a partir dos Sienitos nefelínicos da Serra de Monchique por exemplo.

Neste período o número de postos de trabalho foi acrescido em cerca de 40% dos existentes.

Da análise do Balanço e da Conta de Resultados, verificamos como aspectos preponderantes, que:

— Foram investidos perto de 25.000 contos;

— As vendas atingiram o valor de cerca de 190.000 contos;

As amortizações e reintegrações atingiram o valor acumulado de cerca de 27.000 contos e as Provisões perto de 6.600 contos.

É, pois, com natural regozijo que vemos a nossa empresa encaminhada numa segura viabilidade económica e que propomos para aplicação dos resultados, que atingiram o valor de 29.714.293$20, e de acordo com o Artigo 34.º dos Estatutos a seguinte aplicação:

— Reserva legal de 5%	1.486.000$00
— Reserva para Investimentos, 5% . .	1.486.000$00
— Cumprimento da alínea c)	3.268.650$00
— Dividendos	3.496.500$00
— Reserva especial	19.977.143$20

Apresentamos os nossos melhores agradecimentos:

— À Banca, onde distinguimos o Banco Borges & Irmão, que nos tem prestado colaboração valiosa;

— Aos Accionistas, pela confiança que nos têm dedicado;

— Aos nossos clientes, pela preferência com que nos têm honrado;

— e aos membros do Conselho Fiscal, que sempre acompanharam, de perto e com o melhor espírito de colaboração, a nossa actividade.

Para o pessoal da empresa, propomos um voto de louvor pela dedicação que sempre tem revelado.

Aveiro, 25 de Fevereiro de 1978.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

Eng.º Carlos Lourenço Boia — Presidente
João dos Santos Madail — Vogal
Eng.º José Fernando da Silva Caldeira Bettencourt — Vogal
Alvaro de Carvalho Cardoso — Vogal

PARECER DO CONSELHO FISCAL

No cumprimento das suas atribuições, o Conselho Fiscal acompanhou periódica e detalhadamente ao longo do ano a actividade da Sociedade, verificando a forma cuidada como foram geridos os seus negócios, tarefa que foi bastante facilitada pela valiosa colaboração da Administração, que sempre facultou prontamente os elementos que lhe foram pedidos.

O Conselho Fiscal examinou com a devida regularidade os livros, documentos e valores, tendo encontrado sempre na devida ordem a respectiva arrumação e escrituração, que obedeceram inteiramente aos prceitos legais.

Os critérios valorimétricos adoptados, assentes nos preços de custo de aquisição ou produção, conforme os casos, dão a justa e exacta medida do património da Sociedade, exprimindo o relatório do Conselho de Administração, o Balanço e a Conta de Resultados do Exercício a sua situação com a necessária clareza.

Nestes termos, o Conselho Fiscal tem a honra de propor:

1) Que aproveis o Relatório, o Balanço e contas do exercício de mil novecentos e setenta e sete, apresentados pelo Conselho de Administração;
2) Que aproveis a proposta de distribuição de resultados apresentados pelo Conselho de Administração;
3) Que aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração, pela competência e zelo postos na defesa dos interesses da Sociedade.

Aveiro, 4 de Março de 1978.

O CONSELHO FISCAL,

Dr. Agostinho Nunes de Pinho — Presidente
Dr. António Augusto Santos Carvalho — Vogal
D. Juan Posadas Calzada — Vogal

BALANÇO ANALÍTICO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

ACTIVO	Activo bruto	Provisões, amortizações e reintegrações	Activo líquido
Disponibilidades:			
Caixa	8.993$70		8.993$70
Depósitos à ordem	13.256.485$30		13.256.485$30
	13.265.479$00		13.265.479$00
Créditos a curto prazo:			
Clientes, c/ gerais	38.263.118$60	1.528.695$70	36.734.422$90
Clientes, c/ letras e outros títulos a receber	11.424.724$10	337.621$80	11.087.102$30
Fornecedores, c/c	64.455$30		64.455$30
Adiantamentos a fornecedores ...	5.130.731$30		5.130.731$30
Outros devedores	167.865$50		167.865$50
	55.050.894$80	1.866.317$50	53.184.577$30
Existências:			
Mercadorias	325.489$90	32.549$00	292.940$90
Produtos acabados e semiacabados ...	943.057$70	94.305$80	848.751$90
Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos	10.652.333$80	1.065.233$40	9.587.100$40
Produtos e trabalhos em curso ...	2.460.851$10	246.085$00	2.214.766$10
Matérias-primas subsidiárias e de consumo ...	33.378.775$10	3.337.877$50	30.040.897$60
	47.760.507$60	4.776.050$70	42.984.456$90
Imobilizações financeiras:			
Participação de capital na própria empresa ...	520.700$00		520.700$00
	520.700$00		520.700$00
Imobilizações corpóreas:			
Terrenos e recursos naturais ...	1.550.863$50		1.550.863$50
Edifícios e outras construções ...	5.437.083$80	647.142$40	4.789.941$40
Equipamentos básicos e outras máq. e instal.	28.747.957$10	10.751.714$60	17.996.242$50
Ferramentas e utensílios ...	248.424$50	180.161$10	68.263$40
Material de carga e transporte ...	1.237.263$10	373.471$10	863.792$00
Equip. administ. e social e mobil. diverso ...	2.007.007$70	368.901$10	1.638.106$60
Outras imobilizações corpóreas ...	12.149.021$20	6.967.401$40	5.181.619$80
	51.377.620$90	19.288.791$70	32.088.829$20
Imobilizações incorpóreas:			
Gastos de instalação e expansão ...	4.970.716$50	4.890.541$30	80.175$20
Outras imobilizações incorpóreas ...	3.030.842$00	3.030.842$00	
	8.001.558$50	7.921.383$30	80.175$20
Imobilizações em curso:			
Obras em curso	9.243.068$90		9.243.068$90
Imobilizações c/ adiantamentos ...	5.486.977$90		5.486.977$90
	14.730.046$80		14.730.046$80
Custos antecipados:			
Despesas antecipadas	63.573$10		63.573$10
Outros custos plurienais	72.920$40		72.920$40
	136.493$50		136.493$50
Total de provisões		6.642.368$20	
Total de amortizações e reintegrações		27.210.175$00	
Total activo	190.843.301$10	33.852.543$20	156.990.757$90

PASSIVO	Passivo e situação líquida
Débitos a curto prazo:	
Clientes, c/c	238.820$30
Adiantamentos de clientes	133.591$40
Fornecedores, c/ gerais	4.699.955$20
Fornecedores, c/ letras e outros títulos a pagar ...	1.449.588$30
Empréstimos bancários	82.458.670$00
Sector público estatal	702.098$30
Accionistas, c/ gerais	251.377$10
Outros credores, c/ gerais	412.265$70
	90.346.366$30
Débitos a médio e longo prazo:	
Empréstimos bancários	14.555.012$30
Total do passivo	104.901.378$60
SITUAÇÃO LÍQUIDA	
Capital e prestações suplementatres:	
Capital social	20.000.000$00
	20.000.000$00
Reservas:	
Reserva legal	182.000$00
Reservas estatutárias	182.000$00
Outras reservas especiais	2.011.086$10
	2.375.086$10
Resultados líquidos:	
Resultados correntes do exercício ...	30.730.688$00
Resultados extraordinários do exercício ...	— 15.018$80
Resultados de exercícios anteriores ...	— 1.001.376$00
Resultados antes dos impostos ...	29.714.293$20
Total da situação líquida ...	52.089.379$30
Total do passivo e situação líquida ...	156.990.757$90

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS LÍQUIDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

		Dedução em compras			
Existências iniciais:					
Mercadorias			233.939$90		
Matérias-primas, subsidiárias de consumo ...			13.526.998$00		
			13.760.937$90		
Compras:					
Mercadorias	753.652$80	24.550$00	729.102$80		
Matérias-primas, subsidiárias de consumo ...	144.783.070$00	—$—	144.783.070$00		
	145.536.722$80	24.550$00	145.512.172$80		
Existências finais:					
Mercadorias			— 325.489$90		
Matérias-primas, subsidiárias de consumo ...			— 33.378.775$10		
			— 33.704.265$00		
Fornecimentos e serviços de terceiros	4.954.718$10				
Impostos-indirectos	747.266$50		5.701.984$60	131.270.830$30	
Impostos-directos	1.371$00				
Despesas com o pessoal	11.721.369$20				
Despesas financeiras	12.593.921$50				
Outras despesas e encargos	144.384$10		24.461.045$80		
Amortizações e reintegrações do exercício ...	11.042.237$30				
Provisões do exercício	3.521.160$90		14.563.398$20	39.024.444$00	
				170.295.274$30	
Perdas extraordinárias do exercício			15.018$80		
Perdas de exercícios anteriores ...			1.001.376$00	1.016.394$80	
Resultados líquidos				29.714.293$20	
				201.025.962$30	

		Dedução em vendas		
Vendas de mercadorias e produtos:				
Mercadorias	1.439.553$00	—$—	1.439.553$00	
Produtos acabados e semi-acabados ...	189.801.978$60	1.621.704$20	188.180.274$40	
	191.241.531$60	1.621.704$20	189.619.827$40	
Prestações de serviços	13.616$50	—$—	13.616$50	189.633.443$90
Variação de produções				
Existências finais:				
Produtos acabados e semi-acabados ...	943.057$70			
Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos ...	10.652.333$80			
Produtos e trabalhos em curso	2.460.851$10		14.056.242$60	
Existências iniciais:				
Produtos acabados e semi-acabados ...	— 1.506.733$90			
Subprodutos, desperdícios, resíduos e refugos ...	— 5.771.533$40			
Produtos e trabalhos em curso	—$—		— 7.278.267$30	6.777.975$30
				196.411.419$20
Receitas financeiras correntes ...			4.614.543$10	4.614.543$10
				201.025.962$30

Inventário das participações financeiras e outras aplicações em valores mobiliários em 31 de Dezembro de 1977

Designação	Quantidade	Valor nominal	Preço médio de compra	Cotação na Bolsa	VALOR DE BALANÇO Unitário	VALOR DE BALANÇO Total	Valor total de aquisição	DIFERENÇAS Flutuação de valores	DIFERENÇAS Perdas levadas a resultados
ACÇÕES PRÓPRIAS									
EXTRUSAL — Companhia Portuguesa de Extrusão, S. A. R. L.	495	1.000$00	1.051$91	—$—	1.000$00	495.000$00	520.700$00	— 25.700$00	—$—
Total geral						495.000$00	520.700$00	— 25.700$00	—$—

O TÉCNICO DE CONTAS

José Manuel da Silva

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

Eng.º Carlos Lourenço Boia — Presidente
João dos Santos Madail — Vogal
Eng.º José Fernando da Silva Caldeira Bettencourt — Vogal
Alvaro de Carvalho Cardoso — Vogal

Da 'Escrava Isaura, a
UM AVEIRENSE PROPULSOR DO PROGRESSO

Continuação da 1.ª página

lativamente acrisoladas, os mais superlustrados dotes intelectuais e a sensibilidade artística de mais decantado apuro, para obter maior impacto no libelo que se intenta contra a imposta condição a que a paradigmática Isaura está sujeita. Não. Do mesmo passo, como quem nos obriga a comer a casca com o miolo, antecipa sistematicamente, e pospõe aos elos conexos de um rosário de episódios de pieguice preconcebidamente emocionadora, inclui, invariavelmente, um extenso cardápio indicular de intervenientes na produção. Mete-lhe os caroços, que nem sequer os temperos, como se algum de nós, pacientes sem opção televisiva da hora do almoço, estivéssemos dispostos a sobrecarregar as capacidades de armazenamento músico, com os nomes de ilustres desconhecidos.

Longe se encontram, todavia, os intentos destas desenxabidas linhas de prosista dos lazeres sobrantes das obrigatórias, absorventes e saturantes adições do ofício, do verter de qualquer lágrima pela mofina sorte da «Escrava Isaura» ou de seus afins de desdita e crua iniquidade. Facto que, aliás, de modo nenhum poderá induzir na suposição de que o autor desta dissaborida prosa (suscitada pelo edulcorado prato que nos servem à hora do almoço, para regalo de tantos apreciadores, que nos não sentem colonizados novelisticamente por um Brasil em expansão) não seja, firme, convictamente, até às veras mais íntimas do seu sentimento, um inabalável adversário da inumana escravatura, mais que anacrónica, execranda. Esse é o espírito natural, creio bem, de um cidadão nesta terra de Aveiro, que se ufana de ser um foco nunca extinto de acrisolamento das regalias políticas e sociais do semelhante.

O que acontece apenas é ser outra a bússola que a esse amadurecido cidadão-cagaréu suscita as predilecções motivadoras e lhe guia a dextra com que escreve.

Essa — os que o conhecem bem lhe sabem da pecha — nem as circunstâncias nem o tempo, e acaso com a mudança, deste a dos costumes, lhe mudam o sentido, lhe corrigem a orientação ou lhe antepõem, já agora outra meta. Acaba sempre por ser, pertinaz e irremovivelmente, o da tineta visceral.

Ora por espontâneo movimento, ou porque surde em múltiplos ensejos uma benévola palavra amiga para avivar algum eventual lapso de memória, e concomitante omissão de registo memorativo, acabo, pois, por dirigir a atenção a esse dominador centro de interesse, mesmo quando me encontro mais desgarradamente desprevenido. Por muito improvável que se me deparasse a «Escrava Isaura» para me soltar as baterias da memória mais ou menos estratificada, sem grande esforço, demais que ma acicataram, me veio à tona da lembrança, e daí ao rés do papel, uma ligação com Aveiro. Porque logo chispa, como de outras não sei quantas vezes, nem que a causa se situe nos confins do mundo, nos antípodas australianos que seja.

No ensejo, acontece que o romancinho de que foi arrancada a telenovela que vem alimentando o sentimentalismo de meia população portuguesa, na hora da refeição do meio dia entremeando essa fonte de emoções delico-doces, sugere uma imediata razão para trazer Aveiro a talho de foice ao aprendiz de aveirógrafo sem emenda nem remissão. O laço era fácil de dar com esta Aveiro, terra de canais e pátria de idealistas e mártires por devoção a liberais convicções e aspirações constantes.

Textual, o primeiro parágrafo do romancinho agora exumado e tornado quase um «best-seller» redivivo localiza os princípios da acção da obra literária de duplo aspecto ficção-libelo, deste modo: «No fértil e opulento município de Campos de Goitacazes, à margem do Paraíba, a pouca distância da vila de Campos, havia uma linda e magnífica fazenda».

Ora de Goitacazes, o pensamento, ainda que muitos nem o suspeitem, sente-se pronta e irresistivelmente impelido para Aveiro, a quem, repetimos, Aveiro tem como tema predilecto.

E pela circunstância de nessas paragens brasileiras, nesses tempos de que está passando o sesquicentenário, a nostalgia da expatriação, nesse meio de fazendeiros egoisticamente ensoberbecidos, se haver fixado um aveirense lá levado um tanto pelas fortuitas determinantes do homísio.

Chama-se esse aveirense, que viria a tomar evidência, Francisco da Silva Melo Soares de Freitas, e lograra, a tempo e com prontidão, escapar às retaliações impiedosamente severas dos inimigos políticos contra quem ousara corajosamente rebelar-se.

Com presteza e felicidade maiores que as do irmão Clemente — de seu nome inteiro Clemente da Silva Melo Soares de Freitas, já que dos mesmos apelidos usavam ambos — conseguira iludir a vigilância e assim furtar-se às represálias.

Enquanto Clemente de Melo, seria capturado, Francisco, graças a alguém que lhe proporcionou os meios bastantes, exilou-se no Brasil, assim se furtando, porventura, a um fim tão cruel como o que aquele teve. Porque Clemente, como é consabido, viria a ser um dos seis justiçados, cujos crâneos repousam como relíquias veneradas ao centro do cemitério velho, no simbólico e inspirador «Monumento das Cabeças»; seria um dos seis ilustres varões, que, nos versos lapidares de Mendes Leal, nessa memória que tem sido tomada como uma das votivas aras do mais acendrado aveirismo, um dos seis que «os ossos ali têm, e a alma no Empíreo».

Foram filhos de um proprietário sobrepossante da mediania nas vouguenses terras de Angeja, e quer nas posses quer nos atributos de educação e instrução, Joaquim José de Melo, e de uma senhora com as prendas mais acabadas de uma filha-família da província e com a têmpera e dons de uma mãe que aos filhos, acima dos mimos, inspira os sentimentos mais dignificantes — D. Luísa Angélica de Freitas Soares.

Clemente em Angeja nasceu, ainda há pouco encetado o século XIX, que viria com os fermentos catalizadores das latentes ideias e sentimentos da liberdade pelos quais viria a ser vitimado na força da Praça Nova, em 1829, e, assim, moço de apenas vinte e sete anos.

Francisco, nove anos mais novo, esse era mesmo, não apenas criado em Aveiro, mas na cidade gerado e nado, pois, entretanto, para ela haviam os pais transferido o domicílio.

De Aveiro, por adopção e identificação, e, porque foi um dos fautores mais influentes, e um dos símbolos e mártires de um dos fastos locais de maior sobrelevância, o mais

Continua na penúltima página

Problemas Sociais

Continuação da 1.ª página

pos e, pela insistência nas grandes teses, reforçando a consciência dos nossos direitos e dos nossos deveres.

Não podemos perder as posições que conquistamos, no interesse de Portugal e dos Portugueses. E fatalmente se acabará por perder posições se abrandar o ritmo da marcha e se adormecer na defensiva.

É necessário ter isso presente, porque é o primeiro imperativo da acção, a primeira regra e a primeira forma de assegurar a vivência da doutrina.

ZÉ-DE-VIANA

Um tema demagógico: O POVO

Continuação da 1.ª página

quimbundo altissonante do alto das colunas dos jornais intoxicando o esforço dos tipógrafos com as suas palinódias mais perniciosas do que o velho saturnismo que Deus haja. Não contentes com a verborreia inquinada com que poluem os tímpanos dos ouvintes, ainda por cima botam mão da letra de forma para turvar a retina dos ingénuos e dos ignaros.

É das coisas mais curiosas que se podem deparar a um observador atento e judicioso, assistir a um diálogo entre um destes arautos do progresso que dum Café do Chiado descem à província. Com um rústico sertanejo que é inquirido em tom enfatuado:

— Sabe a senhora o que é uma Assembleia Constituinte? — Perguntava um destes inquiridores superficiais e engomados de embófia a uma pobre mulher que guardava as suas cabras.

— Sabe o senhor o que é um almude?

É com esta interrogação carregada de ironia que a pobre mulherzinha de «terra adentro» dá resposta à questão invertebrada com que o citadino a quis induzir. Mas ele, que tinha vindo com o seu pacote de fichas politizantes na manga para distribuir ao domicílio por essa província fora, ficou siderado. E o certo é que o triste não foi capaz de entender a carga irónica com que aquela mulher simples e natural engorgitou a pergunta com que lhe respondeu.

O Sócrates, no primeiro tempo do seu método pedagógico, fazia de ignorante para levar o discípulo a dar os primeiros passos para a descoberta da verdade, deixando para o fim o momento de, com o auxílio da sua maiaêutica lhe dar a ajuda com que o espírito havia de parir.

Partejar os espíritos era a missão do seu método que, com a ironia fazia a dilatação e com a maiaêutica realizava a expulsão.

Mas, pelo que se vê, há ainda neste «Jardim da Europa» um magistério que, no tempo, se situa para lá do século V antes de Nosso Senhor Jesus Cristo. Certo é que a arqueologia não se processa, apenas, no tempo mas, também, no espaço e é certo, também, que este nosso espaço que a Providência nos destinou se mostra fecundo para alfobre destes exemplares arqueológicos...

Claro que sim, que o povo precisa de ser elucidado em certos aspectos ainda envoltos na penumbra paleolítica; claro que sim, qu eo povo é credor das luzes culturais e que, mercê de condicionalismos históricos, nunca se tentou, a sério, desanuviar-lhe as córneas.

Mas não há-de ser a substituir-lhe a cartilha, a tirar um catecismo da mão direita e a meter-lhe um catecismo na esquerda, nem a talhar-lhe coletes de forças, onde não cabe, que se hão-de iluminar os desvãos ainda carecidos das chapadas da luz racional. Há, sim, que lhe captar os neurónios para caminhos iluminados, solicitando-lhe com questões indutoras sérias a colaboração para as rotas da clareza, sem desprezos sobranceiros pela sua sabença acumulada, mas antes, com base nela, saber captar-lhe a adesão.

FREDERICO DE MOURA

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

seu abrigo e, olhando para o lençol, verificou que este estava tingido — e ficou contristado.

Destapou as imagens e, verificando o prejuízo causado pela morrinha que esborratou as tintas, talvez frescas, com que as imagens estavam pintadas, ficou acabrunhado a olhá-las.

O «ti» Manes, ao sair de casa, viu o homem tão abstracto, que se lhe dirigiu, perguntando: — Você está a olhar para os Cristos?

O homem, saindo da sua abstracção, respondeu: — Cristos?! É que isto não são Cristos; isto foi o diabo que me apareceu...

Das barracas das diversões eram importantes a escola de tiro do Salvador, que tinha, a atender a clientela, as suas filhas, muito bonitas e honestas; esta barraca não se confundia com muitas congéneres, onde havia outra espécie de pessoal, jeitoso é certo, mas já muito batido, sempre a convidar a rapaziada para dar um tirinho, mas perigoso, para esta, se caía na asneira de meter-se em aventuras com tal gente, que, para esse efeito, se enfeitava. E havia, também a do «Zé das Mentiras», que era um exímio executante de cornetim, tocando, não só à porta da barraca para entusiasmar a assistência a entrar, como, também, durante o espectáculo, onde, além de fazer de palhaço, executava, no seu cornetim, várias músicas clássicas, não deixando, nunca, de tocar a ária do «Carnaval de Veneza» (pela qual tinha uma certa paixão), com todas as variações impostas àquele instrumento; e fazia-o com amor, sabendo, como sabia, que a sua clientela gostava de o ouvir naquele trecho musical, que ele executava a primor.

O seu reclame era sempre o mesmo: dizia do que se veria no espectáculo, dedicado, especialmente, às crianças, terminando: «É entrar! É entrar! É só um vintém (20 réis ou 2 centavos) por cabeça; e quem não tiver cabeça não paga nada». E repenicava no seu cornetim, de tal forma, que as notas daquele instrumento se ouviam em todo o Rossio.

E havia muitas mais barracas de divertimentos, não faltando, também, os circos e os fotógrafos à la minuta, que os visitantes aproveitavam, não só para tirar a sua fotografia ao natural como, ainda, colocando-se por detrás de painéis pintados e preparados para o efeito, apareciam a cavalo, a navegar no mar alto, ou noutras posições mais extravagantes.

Quem gostava muito de fotografias deste género eram os namorados das aldeias...

Sobre as procissões, vejamos o que escreveu o ilustre aveirense e muito respeitado e amado Arcebispo-Bispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal, no seu livro Lições da Natureza e dos Homens: *«Quem viu uma procissão em Aveiro não viu decência maior em mais parte nenhuma. Aqueles homens da beira-mar andavam ontem na sua faina, nas companhas de S. Jacinto ou da Costa-Nova-do-Prado, dentro dos grandes barcos de proa esguia, a remar, a deitar as redes, ou à pancada à água, a dirigir as manobras do saco; de ceroulas arregaçadas, de peito ao léo, cheios de escamas, gritando, a todo o pulmão. E hoje, ali vão eles, irrepreensivelmente bem postos, de fato preto, de calçado a luzir, de gravata branca e de luvas brancas, de opa de seda com cordão e borlas d'ouro!»*

E, saltando um pedaço em que se fala dos anjinhos: «Os andores, a maior parte das vezes, são verdadeiros encantos de ornato: nem uma coisa a mais, nem uma coisa a menos; e cada coisa no seu lugar próprio!»

«Os pendões bordados e as cruzes de prata, a sequência grave das irmandades, o brilho das vestes litúrgicas, a custódia debaixo do pálio, a música nova ou a música velha a bulir-nos na alma, o nosso esplêndido povo pelas janelas e pelas ruas, tudo se apresenta tão bem, tudo corre tão bem, que digam-me se eu não tenho razão de repetir o que escrevi ao princípio: quem viu uma procissão em Aveiro não viu decência maior em mais parte nenhuma».

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

BODAS DE OURO

SALVÉ 25-3-78

Completaram as suas Bodas de Ouro a sr.ª D. MARIA DA LUZ DE PINHO VINAGRE e o sr. JOÃO DA NAIA SARDO.

Por tão feliz data, seus filhos desejam-lhes muitas felicidades e longos anos de vida.

Ao DIVINO ESPÍRITO SANTO agradeço graça recebida. — *O.C.*

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	AVEIRENSE
Sábado	AVENIDA
Domingo	SAÚDE
Segunda	OUDINOT
Terça	NETO
Quarta	MOURA
Quinta	CENTRAL

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

DISPENSÁRIO DE HIGIENE MENTAL

Em 1 de Fevereiro último, os Serviços do Dispensário de Higiene Mental de Aveiro — que anteriormente funcionavam ao n.º 39 da Rua do Capitão Sousa Pizarro — foram transferidos para as instalações do extinto Albergue Distrital, em S. Bernardo.

Deste modo, proporcionaram-se melhorias qualitativas na cobertura assistencial aos doentes do foro psiquiátrico do Distrito.

ESCUTISMO

Os dirigentes do Corpo Nacional de Escutas, encarregados da organização do seu XV Acampamento Nacional e do II Jamboree Internacional, a realizar, de 5 a 13 de Agosto do ano corrente, em terras aveirenses (precisamente na Mata da Gafanha), reunem amanhã, em Aveiro, com autoridades civis, militares e eclesiásticas, para uma troca de impressões e apresentação do programa do acampamento, do qual daremos conta oportunamente.

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

● O Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro promoveu, no primeiro decêndio de Fevereiro último, um curso intensivo de «Saúde e Higiene Psicológica» e diversas e valiosíssimas conferências.

De amanhã, 8, a 15 do corrente mês de Abril, o dinâmico Departamento da nossa Universidade promoverá uma excursão à Bélgica, enquadrada na Exposição Internacional de Material Didáctico «Eurodidac». Esta Exposição realiza-se no Parque das Exposições de Bruxelas (Palácio do Antenário), de 10 a 14 de Abril de 1978 (2.ª a 6.ª feira). E compreende 8 sectores: Meios audio-visuais e informática electrónica; Aparelhagem de demonstração e experimentação; Livros escolares, dicionários, léxicos, livros para crianças e literatura especializada.

● No decurso da semana que amanhã, 8, termina, têm vindo a ser realizadas nas Universidades de Aveiro e do Porto, e com a presença do Prof. J. Lacaze, da Universidade de Pau, diversas e importantes realizações, no âmbito do *estudo* e do *ensino* do Ambiente.

É de relevar o «Colóquio sobre o Ensino do Ambiente», tema que ultrapassa de longe o âmbito académico e que urge seja tratado coerentemente pelas entidades respectivas.

Nova reunião do REGIMENTO DE CAVALARIA 5

A Comissão Organizadora alerta os interessados que, em continuação do que anualmente se vem realizando, está em organização, este ano, com data prevista para 4 de Junho próximo, em Aveiro, uma reunião de Praças, Sargentos e Oficiais que serviram naquela Unidade.

Oportunamente será feita a convocação da reunião através da Imprensa e Rádio, solicitando-se, desde já, a cooperação daqueles que, tendo esta notícia, a propaguem a todos os velhos camaradas, podendo dirigir-se, se necessitarem, aos seguintes elementos da Comissão Organizadora: ALFREDO ALMEIDA MARQUES — Av. Dr. Lourenço Peixinho, n.º 257, telef. 24012, Aveiro; ou EMÍLIO AUGUSTO FERNANDES, Tenente do Batalhão de Infantaria de Aveiro.

Além destes elementos, fazem ainda parte da Comissão: Coronel Alexandre Mendes Leite de Almeida, Capitão Belarmino Ferreira de Aguiar, 1.º Sargento Joaquim do Nascimento, Alcides Henriques da Silva, Álvaro Ramalho, Amândio Ferreira Gamelas, Aniano Aires da Silva Martins, Armindo Ramos Bartolomeu, Jaime Vieira Lopes e José Ferreira Rainho.

FEIRA DE MARÇO

Como já referimos noutro lugar deste jornal, decorre, e prolongar-se-á até 25 do corrente, a Feira de Março-78, que, como de costume, abriu em 25 do mês transacto.

Merecem especial destaque os «stands» da *Luso-Vouga* (ali, uma vasta gama de máquinas e equipamentos eléctricos de avançada tecnologia, facto que relevamos pela circunstância de se tratar de importante empresa sediada em Aveiro, mas com larga projecção a nível nacional); e, do mesmo modo, a «*Ytong*» revela, no importante certame aveirense, a excelente qualidade e as múltiplas virtualidades do material que produz, aliás altamente creditado na Europa. Com base no fabrico de betão celular, o sueco Axel Eriksson propiciaria uma válida produção, cuja primeira fábrica se instalou, em Xiult, no ano de 1929: trata-se de um produto de grande poder isolante, susceptível de responder às mais variadas solicitações da construção civil, com 41 fábricas em 15 países, designadamente em Portugal (em Coina, distrito de Setúbal), sendo que se prevê para breve a inauguração no distrito aveirense (zona de Ovar), de mais uma unidade, denominada *Nord Ytong*. É a reputada empresa *Arsac* que representa, no nosso distrito, a *Ytong Portuguesa*.

A despeito das vicissitudes atmosféricas, aliás características da quadra, tem sido enorme a afluência de visitantes à Feira de Março.

Delegação de Aveiro da CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

● Numa das dependências do Hospital Distrital de Aveiro, e por anuência do respectivo Administrador, encontra-se já em funcionamento, ainda que provisório, a Delegação de Aveiro da Cruz Vermelha Portuguesa. Assim se concretizou uma aspiração regional da mais alta valia.

Esperamos poder, no próximo número, dar mais destacado relevo a este magno acontecimento.

● Cursos de Socorrismo

A Escola de Socorrismo da Cruz Vermelha Portuguesa, a funcionar na cidade de Aveiro a partir do dia 17 do corrente mês de Abril, propõe-se ministrar Cursos de Socorrismo, a nível de Primeiros Socorros, Elementares e Básicos.

Além da formação de socorristas, esta Escola tem em vista seleccionar elementos mais aptos para a frequência de um Curso de Monitores de Socorrismo e ainda de criar, na Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa em Aveiro, um Centro de Ensino de Socorrismo.

As pessoas interessadas na frequência dos Cursos Elementares, podem dirigir-se à Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa de Aveiro, sita, como acima referimos, nas instalações do antigo Hospital Distrital, todos os dias úteis, das 10 às 12 e das 14 às 17 horas, para efeitos de inscrição.

LIGA DOS COMBATENTES

● *A nova Comissão Directiva e Administrativa da Agência de Aveiro da Liga dos Combatentes foi eleita em 4 de Fevereiro último, e ficou assim constituída: Presidente, Coronel Narsélio Fernandes Matias; Secretário, Capitão Júlio Matos da Silveira; Tesoureiro, Capitão António de Almeida Cancela; Vogais, Tenente graduado (Capelão) José Caçolo Fidalgo e 1.º Cabo João da Costa Belo.*

● Comemorações do «9 de Abril» — 60.º aniversário CONVITE

Convidam-se todos os associados desta Liga dos Combatentes e a população em geral a tomar parte na romagem ao Cemitério Sul desta cidade — Talhão dos Combatentes — a fim de ali depositar um ramo de flores em homenagem aos mortos combatentes que ali repousam.

A concentração far-se-á pelas 11.30 horas do dia 9 do corrente, junto ao portão do referido cemitério.

Pela COMISSÃO DIRECTIVA
a) Narsélio Fernandes Matias

«DOCA-SECA»

Com a celebração do contrato, no dia 1 de Março findo, entre a Junta Autónoma do Porto de Aveiro e a Navalria-Docas, Construções e Reparações Navais, SARL, iniciou-se a exploração do Estaleiro Naval da referida Junta, também chamado doca-seca de Aveiro, velha aspiração deste organismo e dos armadores deste porto.

PINTURA EM EXPOSIÇÃO

De 11 a 20 e de 18 a 31 de Março findo, os aveirenses tiveram o grato ensejo de admirar pinturas de José Mendonça (no Salão do Teatro Aveirense) e de Mário Silva (na Galeria de Arte «A Grade»).

O primeiro daqueles conceituados artistas (com 20 exposições individuais e 7 colectivas, representado em diversos países do Mundo) apresentou 30 valiosos trabalhos, muitos deles de temática aveirense; Mário Silva, um artista de renome universal, que tem merecido o justificadíssimo apreço dos mais exigentes críticos de toda a parte, trouxe também a Aveiro, e uma vez mais, numerosos quadros, alguns deles igualmente inspirados em temas da nossa região.

APEVECA

A APEVECA — Associação de Pais e Encarregados de Educação dos Alunos das Escolas Primárias da Vera-Cruz —, com a colaboração do CAT da Empresa PAULA DIAS & FILHOS L.DA, através da Secção de Cinema, levou a efeito sessões de cinema para os 630 alunos das Escolas da Vera Cruz.

Os filmes, de grande utilidade à formação pedagógica das crianças, versaram temas aliciantes como «O SAL», «O AZEITE» e «VISITA AO JARDIM ZOOLÓGICO DE LISBOA».

Estas sessões foram seguidas e apreciadas agradavelmente por todas as crianças das nossas Escolas.

Pelo CLUBE DOS GALITOS

● *A Secção Filatélica e Numismática, na sequência das exposições-relâmpago e mini-feiras filatélicas que, aos sábados, realizou nos anos de 1976 e 1977, determinou-se a prosseguir com esta válida iniciativa, agora quinzenal e no horário das 15 às 19 horas, com a presença, no Clube, de um comerciante filatélico.*

● *A Secção de Fotografia e Cinema de Amadores, empenhada na dinamização da fotografia nas escolas, nomeadamente do Ensino Secundário, elaborou um inquérito junto dos professores, que constituiu um autêntico êxito.*

Sobre esta tão válida iniciativa, voltaremos a falar.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 7 — às 21.15 horas — UM ASSASSINO PELAS COSTAS — Grupo D. 18 anos.

Sábado, 8 — às 15.30 e 21.15 horas — CHEGOU A HORA DA VINGANÇA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Domingo, 9 — às 15.30 e 21.15 horas — ESTE É O MEU MUNDO — Grupo B. 10 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 7 — às 21.15 horas — REMÉDIOS DE AMOR — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 8 — às 15.30 e 21.15 horas; Domingo, 9 — às 15 e 21.30 horas; e Segunda-feira, 10 — às 21.15 horas — NEW YORK, NEW YORK — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Domingo, 9 — às 17.30 horas — MORRER EM MADRID — Não aconselhável a menores de 13 anos.

ORQUESTRA GULBENKIAN vaga de 1.º Clarinete

Foi aberta a inscrição para o concurso de admissão à Orquestra Gulbenkian, para preenchimento da vaga de 1.º clarinete.

As provas realizar-se-ão no dia 15 de Maio próximo, a partir das 14 e 30.

Os interessados deverão dirigir-se até ao dia 8 de Maio inclusivé à Recepção da Fundação Gulbenkian, na Avenida de Berna, 45, onde lhes serão prestados todos os esclarecimentos.

FALECERAM:

● **No dia 24 de Fevereiro, faleceu, na freguesia da Glória, com 72 anos de idade, a sr.ª D. Maria Emília Martins Arroja Resende, viúva do saudoso João Luís de Resende; era irmã da sr.ª D. Maria Carolina Martins Arroja.**

● **No dia 25 de Fevereiro, com 87 anos de idade, faleceu, na sua residência, ao n.º 8 da Rua de Santa Joana, o sr. Tenente-Coronel do Exército (reformado) Manuel Augusto de Melo Cabral. Deixou viúva a sr.ª D. Angélica Ricardina Salgado de Andrade e era pai da sr.ª D. Maria Cecília de Andrade e Melo Cabral e do sr. Coriolano Manuel de Andrade e Melo.**

● **No dia 26 de Fevereiro, faleceu, com 28 anos, no estado de solteira, a sr.ª D. Armanda de Jesus Simões dos Santos, filha da sr.ª D. Deolinda Rosa de Jesus e do saudoso José Simões dos Santos. Era irmã da sr.ª D. Maria Manuela de Jesus Simões dos Santos, casada com o sr. Eurico Rodrigues, e do sr. António de Almeida.**

● **No dia 2 de Março, faleceu, com 81 anos, a sr.ª D. Camila de Oliveira, mãe das sr.ªs D. Alcina, D. Andrelina, D. Avelina, D. Cesaltina e D. Secralina de Oliveira Gonçalves e dos srs. Virgílio e Hermínio de Oliveira Gonçalves.**

● **No dia 5 do mesmo mês, faleceu, com 57 anos, na freguesia da Vera-Cruz, o sr. Fernando da Silva Ferreira Pinto, professor do Ciclo Preparatório. Deixou viúva a sr.ª prof.ª D. Berta da Saudade Pinto; e era pai das sr.ªs D. Fernanda Maria e D. Maria da Saudade Ferreira Pinto.**

● **Na sua residência, ao n.º 3 da Rua do Comandante Rocha e Cunha, nesta cidade, faleceu, em 20 do mês findo, com 66 anos de idade, a sr.ª D. Maria Carolina Machado Soares Nogueira de Lemos. Deixou viúvo o conhecido médico sr. Dr. Alberto de Vasconcelos Nogueira de Lemos; e era mãe das sr.ªs D. Ana Maria, D. Maria Manuela, D. Maria da Graça, D. Maria Isabel e dos srs. Alberto José e António Manuel Nogueira de Lemos.**

● **No dia 21 de Março transacto, faleceu, na freguesia da Vera-Cruz, com 83 anos de idade, a sr.ª D. Crisanta Sucena Rodrigues, viúva do saudoso industrial aveirense Jaime Rodrigues; era mãe da sr.ª D. Júlia da Costa Sucena Matos Sérgio, esposa do sr. Marcelino de Oliveira Sérgio, e dos srs. Artur e João da Costa Sucena Matos e Jaime Sucena Rodrigues, casado com a sr.ª D. Maria Emília Sucena Rodrigues.**

● **Com 76 anos, faleceu no dia 24 de Março, na sua residência, ao n.º 25 da Avenida de Araújo e Silva, a sr.ª prof.ª (aposentada) D. Cândida da Silva Gomes Craveiro Valente, que deixou viúvo o sr. Manuel Maria Rodrigues Valente, funcionário (aposentado) do Banco Nacional Ultramarino. Era mãe da sr.ª prof.ª D. Maria José Craveiro Rodrigues Valente.**

● **No dia 31 de Março findo, faleceu, com 70 anos, na freguesia da Glória, o conhecido industrial e sócio-gerente da firma Albino Rodrigues da Silva & Cunhado, Lda., da Costa do Valado, sr. Albino Rodrigues da Silva. Era casado com a sr.ª D. Beatriz Marques da Silva e pai das sr.ªs D. Maria do Carmo e D. Cesaltina e dos srs. Manuel e Fernando Marques Rodrigues da Silva.**

As famílias em luto, os pêsames do Litoral

DAR SANGUE É UM DEVER

Continuação da última página

Xadrez de Notícias

51 e ESGUEIRA, 80 — SANJOANENSE, 54.

A segunda jornada efectua-se hoje, a partir das 21 horas, em S. João da Madeira, defrontando-se SANGALHOS — ESGUEIRA e SANJOANENSE — ILLIABUM.

Em jogos amistosos, realizados em Cantanhede (4 de Março) e em Oliveira do Bairro (24 de Março, o Beira-Mar derrotou o Marialvas (3-0) e Oliveira do Bairro (2-0).

Este desafio integrou-se numa jornada com fins humanitários e beneficentes, já que a sua receita se destinava à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários daquela vila, que se encontra empenhada numa campanha de angariação de fundos para aquisição de uma ambulância.

Futebol

mico, em posição tranquila; e o FEIRENSE, embora actue no seu recinto, terá pela frente o Sporting. E os «leões», mesmo distantes da luta para o título, ambicionam ganhar entrada para uma prova europea...

•

Na Zona Norte do Campeonato Nacional da II Divisão, também com vinte e um jogos disputados, o PAÇOS DE BRANDÃO, «caloiro» esta época, é o mais tranquilo dos clubes do Distrito — figurando na primeira metade da tabela, com 21 pontos, depois do «nulo» que impôs, no domingo, ao poderoso Famalicão, guia isolado da prova.

SANJOANENSE, com vitória (1-0) sobre o Régua e UNIÃO DE LAMAS, a quem o Fafe, terceiro classificado, impôs igualdade a zero, e o LUSITÂNIA, batido (0-1) pelo Leixões, são equipas com o «credo na boca» — todas bastante inseguras, quanto ao futuro. Aliás, e como o terceto aveirense, encontram-se também o Gil Vicente, o Vila Real, o Leixões e o Régua... — pelo que, dada a curta diferença pontual que intervala as equipas (entre os gilistas, com 15 pontos, e os durienses, que somam 19, a margem é diminuta!), emitir vaticínios é correr risco a que não desejamos aventurar-nos...

A próxima jornada talvez já possa vir a tornar mais definidas certas situações, conforme os desfechos que então se registem. Aos grupos da nossa região está reservado este programa: Rio Ave — SANJOANENSE, Vianense — UNIÃO DE LAMAS, LUSITÂNIA — Vila Real e Leixões — PAÇOS DE BRANDÃO.

•

Finalmente, na II Divisão — Zona Centro, o BEIRA-MAR, no sábado, regressou de Portalegre com empate (2-2) ante o Estrela — depois de ter usufruído de dois golos de avanço, no termo da primeira parte (e será de anotar que o triunfo se escapou aos auri-negros a cerca de três minutos para o final do jogo...); e, no domingo, no seu campo, o RECREIO DE ÁGUEDA bateu, por 2-0, o Mangualde — pelo que melhorou a sua pontuação, dando indícios seguros de que poderá atingir os seus objectivos.

Será de referir que os aguedenses (com menos um jogo) somam 16 pontos — seguindo a curta distância o par Mangualde — União de Coimbra, cada qual com 18 pontos. E, atrás do RECREIO DE ÁGUEDA já se encontram o Marrazes (14), Cartaxo (12) e Sintrense (11).

No topo da classificação, *leader* destacado, o BEIRA-MAR soma 33 pontos — e bem poderia, nesta altura, estar com posição mais fortalecida, com um maior avanço (quiçá decisivo, já nesta altura, tendo em vista a obtenção do primeiro lugar no termo campeonato), caso não tivesse desperdiçado, nas seis rondas jogadas na segunda volta, três pontos em número igual de encontros. Ao consentir igualdades, ao Recreio de Águeda — 0-0, com um *penalty* não concretizado — e ao Académico de Viseu — 2-2, depois de se encontrar em posição de vencedor por duas vezes — (em prélios no «Mário Duarte»), e ao Estrela de Portalegre — conforme atrás se referiu —, a turma de Aveiro tem na peugada o ambicioso e valoroso Académico de Viseu (29 pontos), o par Portalegrense — União de Tomar (27 pontos) e o Estrela de Portalegre (25 pontos), espreitando a eventualidade de qualquer deslize do comandante...

Há que cumprir ainda nove jornadas — pelo que, tanto no que respeita à cauda da tabela, como no que concerne à luta para os postos cimeiros, os próximos embates (até que, pelas matemáticas, se comecem a definir lugares) têm foros de autênticas finais, designadamente para o BEIRA-MAR, que, no próximo domingo, recebe a visita do irregularíssimo União de Leiria — num jogo em que, sendo grande favorito, o *team* aveirense necessita de total e franco apoio dos seus adeptos, no sentido de chamar a si o triunfo de que em absoluto carece.

O RECREIO DE ÁGUEDA faz longa viagem ao Alentejo, cumprindo-lhe defrontar o Portalegrense.

Andebol de Sete

cioso surgido com a indicação da data de 25 de Março findo para o jogo-repetição Académico do Porto — S. BERNARDO, sem ter sido obtido prévio acordo dos clubes, a que se seguiu a divulgada notícia de ter sido marcado falta de comparência aos aveirenses nesse prélio...

É um «caso» para dar ainda muito que falar e que escrever, por certo — pelo que, na impossibilidade de o fazermos desde já, oportunamente voltaremos ao assunto, se se tornar necessário utilizar esta tribuna para se reclamar a justiça que o S. Bernardo exige que lhe seja feita.

Não publicamos, portanto, o mapa de pontos que costumamos incluir nesta rubrica — que encerramos, entretanto, com o anúncio dos jogos que integram, no próximo sábado, a 21.ª jornada e são estes:

Desportivo de Portugal — Académico, Braga — Académica de S. Mamede, Desportivo da Póvoa — S. BERNARDO, BEIRA-MAR — Vilanovense, Gaia — Francisco d'Holanda e Maia — Porto.

Ciclismo

5 h 27 m 30 s; 14.º — António Relvão (Sheiko), 5 h 27 m 35 s; 15.º — José Marques (Sanjoanense), 5 h 28 m 35 s; 16.º — Adriano Ventura (Sheiko), 5 h 30 m 46 s; 17.º — João Ribeiro (Sheiko), 5 h 32 m 39 s — todos apurados para o Campeonato Nacional. 18.º — José Moreira (Sanjoanense); 19.º — Carlos Dinis (Sheiko); 20.º — Carlos Santos (Sangalhos); 21.º — Abel Rodrigues (Sanjoanense); 22.º — António Jesus (Sangalhos); 23.º — Manuel Conceição (Sanjoanense) — estes seis apenas participaram numa prova.

JUNIORES

1.º — Eduardo Correira (Travanca), 1 h 7 m 53 s; 2.º — Benjamim Carvalho (Arsol), 1 h 8 m 32 s; 3.º — Manuel Gomes (Travanca), 1 h 11 m 33 s; 4.º — António Silva (Travanca), 1 h 16 m 20 s.

Num percurso de 122 kms (no itinerário Sangalhos — Malaposta — Curia — Mealhada — Cantanhede — Arazede — Tocha — Mira — Vagos — Ílhavo — Aveiro — Eixo — Eirol — Travassô — Águeda — Borralha — Avelãs de Caminho — Malaposta — Canha — Sangalhos), disputou-se, em 25 de Março findo, a primeira prova do **Troféu da A.C.A.** para ciclistas seniores «A» e «B».

Tomaram parte quarenta e cinco concorrentes, dos quais sete não concluiram a prova, em que se apuraram os seguintes resultados:

1.º — Carlos Pires (Sangalhos/Órbita), 3 h 31 m 4 s; 2.º — Manuel Silva (Facar), m.t.; 3.º — Joaquim Andrade (Águias/Clok), m.t.; 4.º — José Luís Pacheco (Dramático de Rio Tinto), 3 h 31 m 20 s; 5.º — Floriano Mendes (Águias/Clok), m.t.; 6.º — Herculano Silva (Sangalhos/Órbita), m.t.; 7.º — José Maia (Manufacturas Olímpicas), 3 h 31 m 28 s; 8.º — Manuel Durão (Sangalhos/Órbita), m.t.; 9.º — Flávio Henriques (Sangalhos/Órbita), 3 h 33 m 17 s; 10.º — Manuel da Costa (Dramático de Rio Tinto), m.t.; 11.º — António Dias (Sangalhos/Órbita), 3 h 33 m 57 s; 12.º — Manuel Carvalho (Coimbrões/Arbo), m.t.; 13.º — Álvaro Martins (Sangalhos/Órbita), m.t.; 14.º — Adão Costa (Arsol), m.t.; 15.º — Luís Gregório (Sangalhos/Órbita), m.t.

Por equipas: 1.º — Sangalhos/Órbita, 10 h 34 m 2 s; 2.º — Dramático de Rio Tinto, 10 h 39 m 2 s; 3.º — Facar, 10 h 39 m 44 s; 4.º — Seiko, 10 h 44 m 12 s; 5.º — Arsol, 10 h 46 m 45 s.

Basquetebol

Campeonatos Nacionais

II DIVISÃO — Zona Norte

Jogo	Resultado
ILLIABUM - Gaia	49-75
GALITOS - Sport	91-59
GALITOS - Académica	79-58
ILLIABUM - Salesianos	46-64
Guifões - GALITOS	50-60
Vasco da Gama - ILLIABUM	95-34
GALITOS - Académico	74-60
ILLIABUM - Sport	53-58
Vilanovense - GALITOS	63-77
Académica - ILLIABUM	64-47
C. P. Matosinhos - GALITOS	95-91
ILLIABUM - Guifões	60-72
Académico - ILLIABUM	76-49
GALITOS - Naval	66-47
ILLIABUM - GALITOS	56-45
C. P. Matosinhos - ILLIABUM	114-57
GALITOS - Gaia	51-62
Salesianos - GALITOS	63-73
ILLIABUM - Naval	72-67
ILLIABUM - Vilanovense	70-71
GALITOS - Vasco da Gama	52-55
Gaia - ILLIABUM	82-75
Sport - GALITOS	88-77

Classificação final

	J	V	D	Bolas	P
Sport	22	19	3	1818-1521	41
Vasco Gama	22	18	4	1575-1340	40
Salesianos	22	15	7	1527-1392	37
Naval	22	14	8	1643-1585	36
GALITOS	22	13	9	1571-1384	35
Académico	22	13	9	1588-1510	35
Gaia	22	11	11	1582-1564	33
C. P. Matosi.	22	8	14	1742-1775	30
ILLIABUM	22	6	16	1272-1541	28
Vilanovense	22	6	16	1496-1762	28
Académica	22	5	17	1338-1434	27
Guifões	22	4	17	1449-1751	25

Taça de Portugal

No passado domingo, de manhã, assistimos, no Pavilhão Gimnodesportivo, aos encontros ESGUEIRA - Vilanovense e GALITOS - Valongo — em que as turmas aveirenses averbaram, ambas com extrema dificuldade, vitórias que lhes possibilitam prosseguir na prova.

Desses encontros, incluímos, adiante, breves resenhas.

ESGUEIRA, 73 VILANOVENSE, 71

Alinharam e marcaram:

Esgueira — Nelo (5-4, Isidro (4-6), Costa (4-2), Vítor (9-10), João Jaime (14-10) e Tavares (0-3).

Vilanovense — Rui (3-2), José Manuel (4-0), Quintino (2-9), Simões (6-4), Vitor (12-17), Carracena, Tedim (3-0), Pedro (0-5) e Guiomar (0-4).

Ao intervalo, os esgueirenses ganhavam por 37-30. E, no termo do desafio (em que só no período inicial estiveram em desvantagem no marcador), vieram a vencer por uma «cesta», conseguida mesmo sobre a hora, depois dos gaienses terem igualado a 71 pontos.

O despique foi muito animado e valorizado pela boa ponta final do Vilanovense (da II Divisão), que, a dado momento, teve doze pontos de atraso, já na segunda parte (50-38). Com reduzido número de jogadores (no «banco», só vimos um suplente), o Esgueira (da III Divisão), que se bateu com muito empenho e fez jus ao triunfo, quase claudicava pelo desgaste físico a que os seus atletas tiveram de sujeitar-se...

Trabalho correcto e equilibrado da dupla de arbitragem, constituída por Manuel Bastos e Iracy Pinho, da Comissão de Aveiro.

GALITOS, 76 VALONGO, 72

Alinharam e marcaram:

Galitos — Guerra (6-4), Raul (2-10), Peixinho (7-14), Moreira (2-2), Madureira (9-6), Vitor, Abreu (4-2), Meno (6-0), Rui e Antunes (0-2).

Valongo — Gomes (2-4), Carneiro (6-5), Mário Machado (12-12), Lima (16-9), Luís (0-2), Canhola (2-2) e Esteves.

Assinalando o primeiro desafio entre os dois clubes, Vítor Ferreira, «capitão» do Galitos, antes do começo da partida, ofereceu ao «capitão» do Valongo, Lima, uma placa alusiva.

Depois de começo deveras prometedor, fazendo 5-0 num ápice, o Galitos veio a produzir exibição incaracterística, actuando muitos furos aquém do que será de exigir-se-lhe para poder ser autêntico candidato à subida à I Divisão. Igualados aos 16 pontos, os aveirenses, após várias situações de empate e de vantagens alternadas, atingiram o intervalo a perder (36-38).

Após o reatamento, o Valongo (dos mais cotados conjuntos nortenhos da III Divisão) veio a acusar a falta de homens no «banco», já que se apresentou desfalcado de alguns titulares. Mesmo assim, lutou sempre taco-a-taco, criando enorme **suspense** quanto ao desfecho do jogo, cuja marcação várias vezes comandou, até aos 64-64 (a pouco mais de dois minutos para o termo da partida). Então, o Galitos logrou fugir para 74-64 e decidiu o jogo a seu favor, embora os valonguenses — sempre inconformados — tentassem, num **forcing** derradeiro nova viragem do resultado.

Pelo nivelamento de números que caracterizou o embate, houve períodos em que, por «nervos» em excesso, os ânimos se alteraram, dentro do recinto — ocorrendo, por falta de «pulso» dos árbitros, algumas cenas menos próprias, na fase final (e decisiva...). Mas tudo veio a acabar sem problemas de maior.

A cargo da dupla ilhavense formada por Francisco Ramos e Carlos Amaral, da Comissão de Aveiro, a arbitragem teve diversas falhas e situou-se apenas em plano sofrível — tendo deixado mais desagradados os elementos da turma vencida...

Calendários das Fases Finais

3.º dia — 15/Abril

Académico - Salesianos
GALITOS - Vasco da Gama
Sport - Naval

4.º dia — 16/Abril

GALITOS - Naval
Sport - Vasco da Gama

5.º dia — 22/Abril

Salesianos - Sport
Vasco da Gama - Naval
Académico - GALITOS

6.º dia — 23/Abril

Académico - Sport
Salesianos - GALITOS

GRUPO NORTE B

1.º dia — 7/Abril

ILLIABUM - C. P. Matosinhos
Vilanovense - Gaia
Académica - Guifões

2.º dia — 8/Abril

ILLIABUM - Gaia
Vilanovense - C. P. Matosinhos

3.º dia — 14/Abril

Académica - ILLIABUM
Guifões - Vilanovense
C. P. Matosinhos - Gaia

4.º dia — 15/Abril

Académica - Vilanovense
Guifões - ILLIABUM

5.º dia — 21/Abril

C. P. Matosinhos - Académica
Gaia - Guifões
ILLIABUM - Vilanovense

6.º dia — 22/Abril

C. P. Matosinhos - Guifões
Gaia - Académica

CARTÓRIO NOTARIAL DE VAGOS

SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES LAVA, LDA.

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 22 de Fevereiro de 1978 lavrada de fls. 86 a 88 do livro de notas para escrituras diversas N.º D-10 do Cartório Notarial de Vagos a cargo do Notário Lic.º António Joaquim Marques Tavares, José Manuel Antunes Henriques, casado, de Aveiro, Júlio Augusto Soares, casado, de Viseu, Esgueira, Aveiro, Joaquim Manuel Rodrigues da Silva, solteiro, maior, de Aveiro e David Luís de Sousa Siva e Cristo, casado, de Aveiro, constituiram entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e sob as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º — A Sociedade adopta a denominação «Sociedade de Representações Lava, L.da» e tem a sua sede em Aveiro, no Cais de São Roque, n.os 44 e 45, durará por tempo indeterminado e inicia hoje a sua actividade;

2.º — O objecto da sociedade é o comércio e embalamento de produtos para limpeza e manutenção industrial, podendo dedicar-se a qualquer outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja legal;

3.º — O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de 250 000$00 e corresponde à soma de quatro quotas, uma de 130 000$ pertencente ao sócio José Manuel Antunes Henriques, uma de 40 000$, pertencente ao sócio Joaquim Manuel da Silva, uma de 40 000$ pertencente ao sócio Júlio Augusto Soares e uma de 40 000$, pertencente ao sócio David Luís de Sousa Silva e Cristo;

4.º — A cessão de quotas é livre entre os sócios, porém na cessão a terceiros é necessária a autorização prévia da sociedade, tomada em Assembleia Geral;

5.º — A administração e gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa ou passivamente será exercida pelo sócio José Manuel Antunes Henriques, que desde já fica nomeado gerente com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral;

§ 1.º — A Gerência poderá constituir procuradores da sociedade nos termos e para os efeito do artigo 256 do Código Comercial;

§ 2.º — Para obrigar a sociedade é necessária a assinatura do gerente ou procuradores com poderes bastantes para o efeito;

§ 3.º — É proibido à Gerência, bem como a qualquer procurador, obrigar a sociedade em qualquer acto ou contrato estranho ao seu objecto social, nomeadamente em abonações, fianças, avales, letras de favor ou semelhantes;

6.º — As Assembleias Gerais, salvo disposição e prazos legais diferentes, serão convocadas por cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com a antecedência de pelo menos oito dias;

7.º — No caso de falecimento de um sócio e enquanto a sua quota se mantiver indivisa, os respectivos herdeiros ou sucessores designarão de entre si um que a todos represente na sociedade.

Está de conformidade com o original e na parte omitida nada há em contrário ou além do que se narra ou transcreve.

Vagos e Cartório Notarial, aos vinte e dois de Fevereiro de mil novecentos e setenta e oito.

O AJUDANTE DO CARTÓRIO
a) *António Rodrigues*

LITORAL - Aveiro, 7/4/78 — N.º 1194

Novas Tabelas de Publicidade

Os Semanários de Aveiro — «Correio do Vouga» e «Litoral» — que têm praticado idênticos preçários, após minucioso estudo, reconheceram a impossibilidade de suportar os encargos inerentes à respectiva publicação, dados os enormes e consabidos aumentos do seu custo, designadamente na composição, na impressão e no preço do papel.

Por isso, decidiram, para garantia da sua sobrevivência, actualizar as suas tabelas, o que, para já, apenas fazem quanto à publicidade.

Adverte-se que a nova tabela, a seguir publicada, é sensivelmente inferior e, em certos casos muito inferior, à praticada por outros semanários que tivemos o cuidado de consultar, quer do distrito de Aveiro, quer de publicações congéneres de outros distritos.

PUBLICIDADE — A PARTIR (para o Litoral) DE 7/4/978

1 página — 4 000$00; 1/2 página — 2 200$00; 1/3 página — 1 500$00; 1/4 página — 1 200$00; 1/5 página — 1 000$00; 1/8 página — 700$00; 1/16 página — 400$00; 1/32 página — 300$00.

Anúncio mínimo — (abaixo da medida precedente) — 100$00.
Texto, por linha (corpo 8) — oficiais: 12$50 — outros: 15$00.

Descontos — 5 publicações — 10%; 10 publicações — 20%; 25 publicações — 30%; 50 publicações — 40%; de agência — 20%.

NOTAS — 1.ª ao preço líquido dos anúncios acresce, como é de Lei, o imposto de 10%, a cargo do anunciante.
2.ª Não se publicam anúncios (normalmente) na 1.ª e na última páginas.

Da 'Escrava Isaura', a
UM AVEIRENSE PROPULSOR DO PROGRESSO

Continuação da página 3

velho se inscreveu perpetuamente — e nos nomes mais dignos de memória e mais cultuados nessa espécie de sub-religião a que os aveirenses chamam o aveirismo.

O segundo dos dois, este, todavia, abriu as pupilas à luz nesta mesma luminosa terra que no espelhado dos canais que a recortam multiplica as cintilações e a intensidade, rutila, e da própria poalha de hídrica vaporação a luz repotencializa. Este, já da Ria e não do seu sufragâneo Vouga, era pois aveirense indisputável e irrepartível.

Com os puros entusiasmos de um moço que apenas completaria dezassete anos, e recém matriculado ainda na Universidade para frequentar o curso jurídico, irmanado com o irmão nos ideais políticos, adere à conspiração que tem por chefe o desembargador Joaquim José de Queirós, o avô inolvidado de Eça de Queirós. Na malograda revolução de 16 de Maio se compromete e colabora, «não obstante os seus poucos anos», como Marques Gomes observa num artigo que lhe consagrou.

E o mesmo aveirógrafo acrescenta nos dados biográficos que sobre ele fornece: ... «e havendo assinado o auto de aclamação de D. Maria II, foi envolvido na devassa que se abriu e pronunciado como cooperador da chamada rebelião de 16 de Maio».

Fintou, porém, os mastins lançados à sua busca e, com a ajuda de alguém que hoje talvez já não seja possível identificar, seguiu para o Brasil, a tomar novos rumos de vida, quebrada a sequência dos estudos, desamparado dos pais, lançado na incerta luta de ganhar arduamente a vida. Não lhe terão sido desde logo propícios os primeiros passos. Mas, «após várias alternativas», como se lê algures a seu respeito, a querer significar os instáveis tempos iniciais, estabeleceu-se naquele mesmo Município de Campos de Goitacazes, teatro da novela que todos os dias agora perpassa nos nossos domésticos pequenos ecrãs, como advogado de provisão. A curto trecho, «homem inteligente, perspicaz, honesto e laborioso» — como algures é qualificado — com esforçada aplicação, granjeou lisonjeira aura e reputação e veio a amealhar fortuna num meio ao tempo florescente, com largas produções de açúcar, café, milho e feijão, transacções avultadas e inerentes querelas judiciais.

Lá casou, aliás, com uma herdeira de larguíssimos bens, D. Ana Joaquina Pereira de Melo, filha de um casal da mais alta consideração naqueles meios e dos mais abastados, de José Cardoso Pereira Lobo e de D. Maria Escolástica Joaquina Rosa.

Com a considerável fortuna por ambas essas vias obtida regressou a Portugal já amadurecido. Não, todavia, para disfrutar, despreocupado, os benefícios de uma riqueza não frequente, que lhe não estava no temperamento activo empreendedor, multiplicador da riqueza própria e da do comum. E se por um lado, homem habituado a lidar com subidos capitais, fundou o Banco Comércio e Indústria e lançou empresas comerciais e industriais de maior ou menor projecção, como a Companhia das Águas e uma empresa de navegação, uma sua iniciativa sobretudo lhe deu nomeada, pelo arrojo que representou e pelos benéficos reflexos que dela resultaram: a construção do caminho de ferro do Barreiro a Vendas Novas, com um ramal até Setúbal, com uma extensão global de setenta quilómetros.

Para esse empreendimento, «que levou a cabo com feliz êxito, e fez com que fosse agraciado com o título de Visconde do Barreiro (Decreto de 3 de Junho de 1876, e carta régia de 5 de Agosto seguinte)», constituiu uma sociedade com amigos, alguns dos quais com fortuna acumulada também em terras brasileiras. Entre eles contavam-se: António Gomes Brandão, depois Visconde do Carregoso; João Pedro da Costa Franco; e João Rodrigues Penalva, mais tarde Visconde de Penalva de Alva.

A linha férrea referida — construída com o capital dos societários, sem qualquer auxílio pecuniário além do provindo do seu próprio crédito — viria a ser vendida ao Estado, diga-se a título de curiosidade, por contrato de 5 de Agosto de 1861, ao preço médio de 13 500$000 réis cada quilómetro.

Para se avaliar mais cabalmente dos predicados desse aveirense de destaque — que faleceu em 30 de Junho de 1877, sem que tivesse havido uma palavra a recordar o centenário — limitar-nos-emos a acrescentar que, em 1865, conquistou uma cadeira de deputado, e exerceu lugares de relevância, não só nas empresas referidas, mas no Banco Lusitano e na Companhia dos Tabacos.

E, assim, a «Escrava Isaura» nos veio propiciar o ensejo para nos ressarcirmos da falta em que nos encontrávamos, olvidando, na altura devida, o século passado sobre a morte desse aveirense que, na sua época, se pode apontar como um paradigmático homem de empresas, dos mais notáveis do país. Bem haja, por esse facto, o romântico escritor Bernardo Jorge da Silva Guimarães, autor da novela.

EDUARDO CERQUEIRA

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo

NA HORA DO REGRESSO — DUAS PALAVRAS

Voltamos hoje, na hora do regresso do LITORAL, ao contacto directo com os leitores. Em boa verdade, trata-se, no que diz respeito a esta página desportiva, justamente de um contacto directo — uma vez que, por via indirecta, por intermédio e por amável anuência do Director da Secção Desportiva do nosso prezado colega CORREIO DO VOUGA, José de Matos, no decurso das semanas em que se manteve suspensa a sua saída, nos foi dado fazer vir a público, nas páginas daquele semanário aveirense, o nosso boletim alusivo ao «Totobola» especial reservado aos órgãos da comunicação social. Esta é, portanto, uma primeira palavra — palavra de profundo agradecimento a José de Matos e ao CORREIO DO VOUGA.

A segunda palavra é dirigida directamente aos habituais leitores desta página e, também, aos nossos colaboradores. Ao longo do longo interregno — dez quase infindáveis semanas! — na regular publicação do LITORAL, muitos foram, sem dúvida, os acontecimentos desportivos que ocorreram em Aveiro ou nos quais tomaram parte desportistas ou clubes de Aveiro-cidade ou de Aveiro-distrito. E os originais e as notícias que nos foram chegando à mesa de trabalho formam já uma montanha de considerável altura...

A todos, colaboradores e leitores, é devida esta segunda palavra — que pretendemos seja, a um tempo, um pedido de compreensão para as inevitáveis insuficiências e para as involuntárias falhas que porventura se notem até que possamos ter a casa devidamente arrumada, e a expressão do nosso agradecimento sincero pelas provas de estima e de simpatia com que nos têm honrado.

Aos poucos, dentro dos condicionalismos de espaço reservado a esta página, iremos seleccionando os textos e as notas informativas que ainda mantiverem actualidade, no intuito de arquivarmos nas colunas do LITORAL o que julgamos ter ainda interesse, quanto mais não seja para futura consulta dos desportistas vindouros.

AVEIRO nos 'NACIONAIS'

Optámos, nesta rubrica, por apresentar um breve apontamento de análise global ao comportamento das equipas do nosso Distrito nos diversos campeonatos em que se encontram envolvidas — em vez de nos limitarmos ao registo da longa série de resultados (sobejamente conhecidos, e, por isso, ultrapassados na actualidade que sempre importaria tem em conta) dos jogos em que os grupos aveirenses tomaram parte.

E, mesmo hoje, vamos apenas — por falta de espaço — fazer o «ponto da situação» (como está em moda dizer-se...) sobre os torneios de maior cartel, a I e a II Divisões.

Sem mais delongas, portanto, entramos desde já no que respeita à prova principal. Cumpriu-se, no transacto fim-de-semana, a jornada n.º 21 — e o FEIRENSE, batido no sábado, no campo do Riopele, por

2-1, continua em situação muito aflitiva, dado que, somando apenas 12 pontos, é portador da indesejada «lanterna-vermelha». A ronda foi também aziaga para o SPORTING DE ESPINHO, amplamente derrotado, no seu ambiente (por 5-1!) pelo Benfica — pelo que os «tigres» da Costa Verde, após uma primeira volta em que tiveram comportamento bem positivo, se situam em zona de perigo à vista...

Efectivamente, os espinhenses, com 15 pontos, (em igualdade com o Riopele e o Marítimo), têm pior colocados na tabela o Estoril, com 14 pontos, o Portimonense, com 13, e o Feirense, com 12. E são quatro — lembre-se — as turmas a despromover...

No próximo fim-de-semana, o calendário apresenta-se pouco propício para a conquista de pontos (ou talvez não... quem sabe?) — pois o ESPINHO viaja até Coimbra, para medir forças com um Acadé-

Continua na página 5

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 33 DO «TOTOBOLA»

16 de Abril de 1978

1 — Marítimo - Benfica	2
2 — Portimonense - Académico	1
3 — Espinho - Braga	X
4 — Boavista - Setúbal	1
5 — Varzim - Estoril	1
6 — Guimarães - Porto	X
7 — Belenenses - Feirense	1
8 — Sporting - Riopele	1
9 — Sanjoanense - Fafe	1
10 — Cartaxo - Beira-Mar	2
11 — U. Coimbra - Portalegrense	X
12 — Olhanense - Atlético	1
13 — Sesimbra - Farense	X

CAMPEONATO NACIONAL

I DIVISÃO — Zona Norte

Resultados da 20.ª jornada

Académico — Ac.ª S. Mamede	19-13
Desp. Portugal — D. Póvoa	8-11
Vilanovense — Braga	23-17
S. BERNARDO — Gaia	24-20
Porto — BEIRA-MAR	22-13
F.º d'Holanda — Maia	15-12

O escalonamento das várias equipas na tabela classificativa — designadamente no que interessa para a conquista do segundo lugar (o posto cimeiro será pertença do F. C. do Porto — que o assegurou já há bastantes jornadas) — está sujeito à decisão federativa de um conten-

Continua na página 5

CAMPEONATOS NACIONAIS

Arquivamos, a seguir e em referência apenas às duas provas de maior importância do calendário federativo, os desfechos verificados nos jogos em que intervieram as turmas do nosso Distrito, desde os últimos que indicámos (referentes a 14 e 15 de Janeiro) — precedendo as tabelas classificativas finais das primeiras fases (de apuramento) de ambas as competições.

Assim, tivemos:

I DIVISÃO

SANGALHOS - Atlético	98-78
SANGALHOS - Benfica	99-71
SANGALHOS - Académico	88-83
Barreirense - SANGALHOS	89-80
Sporting - SANGALHOS	102-88
SANGALHOS - Algés	94-60
SANGALHOS - Queluz	107-60
Ginásio - SANGALHOS	81-83
Olivais - SANGALHOS	49-90
SANGALHOS - Porto	90-66
SANGALHOS - Cdup	87-59
Atlético - SANGALHOS	95-89
Benfica - SANGALHOS	85-88
Académico - SANGALHOS	87-78

Classificação final

	J	V	D	Bolas	P
Sporting	22	18	4	2225-1732	40
SANGALHOS	22	17	5	1940-1588	39
Ginásio	22	17	5	2059-1629	39
Barreirense	22	16	6	1883-1636	38
Académico	22	14	8	1830-1665	36
Benfica	22	14	8	1856-1700	36
Porto	22	12	10	1765-1587	34
Atlético (a)	22	10	12	1719-1834	31
Algés	22	6	16	1457-1841	28
Olivais	22	4	18	1275-1823	26
Cdup	22	2	20	1499-1836	24
Queluz	22	2	20	1388-2025	24

(a) — **Averbou uma falta de comparência**

Continua na página 5

CALENDÁRIOS das FASES FINAIS dos NACIONAIS — I e II DIVISÕES

Vão recomeçar, este fim-de-semana, os Campeonatos Nacionais da I Divisão e da II Divisão Zona Norte) — a partir de agora com os jogos referentes à segunda fase. Trata-se de «poule» decisiva, em ambos os escalões — com seis equipas (Grupo A) a lutarem pela conquista dos títulos e igual número de concorrentes (Grupo B) a tentarem evitar a despromoção.

Temos três clubes do Distrito empenhados nestas competições: o SANGALHOS, no Grupo A da I Divisão, surge como candidato ao título máximo; o GALITOS, no Grupo Norte A da II Divisão, persegue também o correspondente título e, consequentemente, o regresso à I Divisão; e o ILLIABUM, por fim, no Grupo Norte B da II Divisão, tem em mira garantir a sua posição na prova secundária.

Indicamos, adiante, os calendários dos jogos da primeira volta dos aludidos campeonatos — jogos a disputar aos sábados e domingos (e, por vezes, também às sextas-feiras). Temos, portanto:

I DIVISÃO

GRUPO A

1.º dia — 8/Abril

Benfica - Barreirense
Académico - Sporting
Ginásio - SANGALHOS

2.º dia — 9/Abril

Benfica - Sporting
Académico - Barreirense

3.º dia — 15/Abril

SANGALHOS - Benfica
Ginásio - Académico
Sporting - Barreirense

4.º dia — 16/Abril

SANGALHOS - Académico
Ginásio - Benfica

5.º dia — 22/Abril

Sporting - Ginásio
Barreirense - SANGALHOS
Académico - Benfica

6.º dia — 23/Abril

Sporting - SANGALHOS
Barreirense - Ginásio

II DIVISÃO

GRUPO NORTE A

1.º dia — 8/Abril

Vasco da Gama - Académico
Naval - Salesianos
GALITOS - Sport

2.º dia — 9/Abril

Naval — Académico
Vasco da Gama - Salesianos

Continua na página 5

XADREZ DE NOTÍCIAS

Em cerimónia efectuada na noite de sábado último, no salão dos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Aveiro, foram empossados os corpos gerentes do Sport Clube Beira-Mar, para o biénio de 1978-1980.

Esperamos poder dar, já no próximo número do LITORAL, circunstanciada notícia daquele marcante acontecimento da vida do popular clube aveirense.

Têm início hoje, sexta-feira, pelas 19 horas, os Campeonatos Regionais de Natação de Inverno, em organização da Comissão de Natação da Associação de Desportos de Aveiro.

As provas realizam-se na piscina desta cidade, tal como as subsequentes jornadas, previstas para sábado (16 horas), domingo (10 horas) e segunda-feira (19 horas).

No Pavilhão Gimnodesportivo, principiou, na sexta-feira, o I Torneio de «Velhas Guardas», em basquetebol, apurando-se estes desfechos:

GALITOS, 34 — SANGALHOS,

Continua na página 5

«TAÇA DE PORTUGAL»

Já se encontram disputadas duas eliminatórias da «Taça de Portugal» (equipas masculinas), na primeira fase da competição, em que ainda não participam os clubes da divisão maior.

Na Zona Norte, a primeira eliminatória disputou-se em 17 e 18 de Março findo, fornecendo os seguintes desfechos:

Vasco da Gama - Gaia	59-50
Infante - Vilanovense	44-66
Guifões - Leça	74-85
Fluvial - Académico de Braga	V.-D.
C. P. Matosinros - Taurino	71-70
Leixões - Desp. Póvoa	D.-V.
Sp. Figueirense - Sport	68-113
Académica - B.P.A.	62-64
F.º d'Holanda - Salesianos	59-50
Valongo - Sp. Covilhã	107-41
Académico - Merelinense	V.-D.
T.M.G. - Desp. Leça	66-42
ESGUEIRA - Desp. Covilhã	65-60
BEIRA-MAR - Naval	73-88

As equipas vencedoras passaram à eliminatória seguinte (disputada em 31 de Março e em 1 e 2 de Abril), juntamente com o Marinhense, Educação Física, SANJOANENSE e ILLIABUM — clubes que se qualificaram por desistência dos respectivos antagonistas.

Os resultados da segunda eliminatória (de que, por sorteio, ficou isento o Académico do Porto), foram os seguintes:

C. P. Matosinhos - V. da Gama	(a)
Naval - Marinhense	87-56
Fluvial - Salesianos	64-72
B.P.A. - Desp. Póvoa	62-55
Sport - Educação Física	103-22
GALITOS - Valongo	76-72
ILLIABUM - Leça	68-59
T.M.G. - SANJOANENSE	56-64
ESGUEIRA - Vilanovense	73-71

(a) Não conseguimos apurar o desfecho deste jogo — pelo que o indicaremos apenas em próximo número.

Continua na página 5

No Campeonato Regional de Fundo da Associação de Desportos de Aveiro, há dias realizado, com dezoito concorrentes, apuraram-se os seguintes resultados técnicos:

1.º — José Lopes (Ovarense), 1 h. 52 m. 48 s. 2.º — António Branco (Ovarense), 1 h. 53 m. 52 s. 3.º — José Pires (Furadouro), 1 h. 54 m. 20,4 s. 4.º — Joaquim Oliveira (Furadouro), 1 h. 56 m. 29,6 s. 5.º — António Simões (S. Jacinto), 2 h. 1 m. 36,8 s. 6.º — António Aníbal (Válega). 7.º — Rogério Silva (Válega). 8.º — António Soares (Guilhovai). 9.º — Arménio Anjos (S. Jacinto). 10.º António Sousa (Orfeão da Vila da Feira).

PROVAS DA A. C. DE AVEIRO

A Associação de Ciclismo de Aveiro, depois de ter homologado os resultados das duas provas disputadas a contar para os Campeonatos Regionais de Fundo, divulgou já as respectivas classificações finais, que ficaram assim estabelecidas:

SENIORES «B»

1.º — Adão Costa (Arsol), 5 h 6 m 13 s; 2.º — Carlos Pires (Sangalhos), 5 h 8 m 54 s; 3.º — Adriano Pedro (Sheiko), 5 h 10 m 42 s; 4.º — António Dias (Sangalhos), 5 h 13 m 6 s; 5.º — José Cardoso (Arsol), 5 h 13 m 10 s; 6.º — Carlos Santos (Arsol), 5 h 15 m 16 s; 7.º — Manuel Barros (Arsol), 5 h 21 m 16 s; 8.º — Pedro Relvão (Sheiko), 5 h 22 m 19 s; 9.º — Álvaro Correia (Arsol), 5 h 25 m 46 s; 10.º — Durbalino Novo (Sanjoanense), 5 h 25 m 58 s; 11.º — Silvino Glória (Arsol), 5 h 26 m 14 s; 12.º — An... Chibante (Arsol), 5 h 27 m 7 s; ... — Joaquim Martins (Sheiko),

Continua na página 5